

Nosotras: imprensa feminista no exílio e a descoberta do gênero¹

Autora: Elizabeth da P. Cardoso

Instituição: Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).
Núcleo de jornalismo e cidadania.

Resumo

O artigo discute a importância das mulheres brasileiras exiladas na construção do movimento feminista brasileiro. Os argumentos se desenrolam com a ajuda das lembranças e memórias de Danda Prado, exilada e editora do periódico feminista *Nosotras*, editado em Paris, França, entre os anos de 1974 e 1976, e distribuído no Brasil, no mesmo período. O periódico teve grande influência na sedimentação das idéias feministas no Brasil, principalmente na substituição da questão de classe pela de gênero, na agenda política das militantes brasileiras.

Palavras-chave: imprensa feminista, exílio, movimento feminista, comunicação e memória.

Apresentação²

Muitas das primeiras feministas brasileiras descobriram este movimento de mulheres, e o conceito de gênero, fora do Brasil, no exílio. Durante a década de 1960, inúmeras intelectuais, artistas e profissionais liberais se dedicaram a luta contra o regime de exceção e a grande injustiça social presente no país. Algumas pegaram em armas, indo lutar na guerrilha. Dentro deste universo de esquerda não havia homens e mulheres, o mundo se dividia entre proletariado e burguesia; a luta de gênero era desconhecida, o que valia era a luta de classe. (Alambert, 1980).

No final da década de 60 e início da década de 70, porém, a repressão do regime militar contra os militantes de esquerda cresceu e o número de presos, desaparecidos e mortos aumentou muito. Se o ano de 1967 tem 50 denúncias de torturas registradas, um desaparecido e dois mortos,

¹ Trabalho apresentado a seção temática 3: comunicação e política, do VII Colóquio Brasil-França: comunicação, acontecimento e memória.

² O artigo aqui apresentado tem como base a dissertação de mestrado “Imprensa feminista brasileira pós-1974”, defendida em 20 de abril de 2004, pela a autora, na ECA/USP, sob orientação de Bernardo Kucinski, com banca examinadora de Maria Otília Bocchini e Ítalo Troca. Disponibilizada para consultas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-17052004-165710/>

o ano de 1968 (ano da imposição do AI-5) terminou com a denúncia de 85 torturas, 12 de manifestantes de rua mortos e seis militares e dois civis mortos por atentados terroristas. Em 1969, 1.027 denúncias de torturas são registradas e 19 militantes de esquerda morrem.³

A perda de companheiros, parentes e amigos e a vida posta em risco fizeram com que várias mulheres militantes de esquerda deixassem o Brasil e se exilassem, num primeiro momento, em outros países da América Latina, depois na Europa e nos Estados Unidos.

Uma vez fora do Brasil, as mulheres militantes procuraram estratégias de sobrevivência em segurança e formas de dar continuidade a suas atividades políticas (Costa, 1980). Depois de instaladas na Europa e América do Norte, as brasileiras fizeram contato com o movimento feminista e descobriram a importância do conflito de gênero nas relações humanas e na organização da sociedade.

Foi percorrendo esses caminhos que vários grupos feministas brasileiros se formaram no exterior. Quatro deles ganharam destaque: o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior, criado por Zuleika Alambert, no Chile, durante os dois primeiros anos da década de 70; pequeno grupo de autoconsciência, fundado por Branca Moreira Alves, em Berkeley, Estados Unidos, no início dos anos 70; o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, fundado em abril de 1976 por um grupo de mulheres brasileiras, e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, fundado por Danda Prado, na França, em 1972. (Goldberg, 1987).

O último grupo editou o periódico *Nosotras*, cuja história será aqui lembrada por Danda Prado. Por meio de seu relato poderemos acompanhar toda a complexidade das ideias feministas e a importância de um veículo de comunicação, não só como divulgador de ideias, mas também como veículo/ferramenta de organização de ideias, articulador de pessoas, formador de lideranças, espaço político e preservação da memória.

O presente trabalho tem como objetivos: i) discutir a dificuldade de construção do movimento feminista (conceito de gênero) junto a forte influência do movimento político de esquerda (conceito de classe); ii) discutir a importância das exiladas na construção do movimento feminista no Brasil e iii) discutir a importância do periódico *Nosotras* na formação do movimento feminista brasileiro.

Para favorecer a compreensão, o texto será dividido em duas partes. Em primeiro, um pequeno resumo sobre o contexto do exílio para as brasileiras. Em segundo, a história do *Nosotras*,

³ Para mais informações sobre o período, ver Gaspari, 2002 e 2003.

de acordo com a memória de Danda Prado e pesquisa junto aos exemplares do periódico (edição de 3, de março de 1974; edição 4, de abril de 1974 e edição 21-22, de setembro/outubro de 1975). Os relatos de Danda Prado vão aparecer seguidos da seguinte abreviação: DP/13/22/2003: Danda Prado, entrevista concedida em 13/22/2003.

Feminismo *made in exílio*

O exílio das mulheres brasileiras depois do golpe de 1964, passando pelo AI-5 e após golpe militar de 1973 no Chile (o governo de Allende atraiu brasileiros e brasileiras exilados após o AI-5, mas o golpe militar no Chile fez com que sofressem um segundo exílio, indo para países da Europa e África), se deveu a vários fatores: 1) como consequência de pressão e perseguição política da própria exilada, de seu companheiro, de seus familiares ou de seus amigos próximos; 2) de expulsão de prisioneiros políticos libertados em troca de autoridades estrangeiras seqüestradas; 3) ou de auto-exílios através de cursos de especialização ou viagens ao redor do mundo⁴ (Goldberg, 1987).

Segundo Goldberg e Costa, o perfil do primeiro grupo de mulheres exiladas que se envolveram com o feminismo era formado basicamente por experiência na militância de esquerda no Brasil e/ou no Chile, formação acadêmica com terceiro grau completo, algumas com atividades nas artes, como cinema, artes plásticas ou música e profissionais liberais. Já o segundo grupo, que partiu após o AI-5, carecia de formação profissional, pois a atividade política tinha se tornado o centro de suas vidas.

“Chegamos ao exílio sem poder continuar no mesmo nível o trabalho político que fazíamos internamente e sem ter uma profissão que nos integrasse na nova sociedade. [...] meu companheiro pôde aprofundar cada vez mais o seu trabalho, seguir o que estava fazendo, enquanto ia amadurecendo uma série de coisas para ele mesmo. [...] me sentia como alguém que está começando do nada, sem base nem bagagem alguma” (depoimento de Maria Nakano, in Albertina de Oliveira Costa, 1980).

O processo de reorganização individual num país estrangeiro fez com que muitas das mulheres exiladas experimentassem a identidade de gênero, sentindo com força as diferenças

⁴ Sobre a militância feminista, ver Ferreira, 1996, e Costa, 1980.

sociais entre homens e mulheres. Até então, da experiência de militância no Brasil, as mulheres lutavam pelo fim da ditadura militar, contra as injustiças sociais, por um regime socialista-comunista (Cardoso, 2004). O contato com sociedades onde as diferenças sociais estavam relativamente minimizadas colocou a elas as diferenças de gênero.

“O mergulho forçado numa realidade social onde não havia privilégios de classe, onde não era possível ter empregada doméstica, e o contato com mulheres desconhecidas que se rebelavam e se mobilizavam coletivamente contra coisas que as brasileiras tendiam a encarar como ‘naturais’ — a dupla jornada de trabalho, as assimetrias justificadas pelas diferenças de sexo dentro e fora do âmbito familiar (inclusive nas organizações de esquerda brasileira no exílio) — foi muito importante para o processo de reconhecimento de uma identidade de gênero por parte de muitas brasileiras” (Goldberg, 1987).

O embate gênero x classe se fez de modo conflituoso. As forças de esquerda trabalharam para enfraquecer as idéias feministas entre suas militantes, preservando assim a luta de classe, que no momento era avaliada como uma luta maior. Nesse sentido, o *Nosotras* vive um golpe fatal via o Front (entidade ligada a esquerda, que dava apoio para os exilados em Paris, França), como veremos mais adiante.

As conjunções sociais, culturais e psicológicas fizeram com que as mulheres exiladas se organizassem em grupos feministas; quatro deles ganharam destaques: o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior, criado por Zuleika Alambert, no Chile, nos dois primeiros anos da década de 70; o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, fundado por Danda Prado, na França, em 1972; pequeno grupo de autoconsciência, fundado por Branca Moreira Alves, em Berkeley, Estados Unidos, no início dos anos 70; e o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, fundado em abril de 1976 por um grupo de mulheres brasileiras (Goldberg, 1987).

O Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior recebeu forte influência do PC (Partido Comunista) e de outros grupos políticos de esquerda; essas forças sugeriam ao Comitê “atividades de apoio à revolução no Brasil e de solidariedade com os refugiados e suas famílias, servindo de intermediários no processo de integração das brasileiras no Chile” (Goldberg, 1987). Os principais objetivos eram alistar mulheres para a revolução e aprender com a experiência socialista do Chile.

O Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris teve como principal atividade a publicação do periódico *Nosotras*, que veremos com mais detalhes adiante. O pequeno grupo de Berkeley durou menos de dois anos, mas foi importante para a formação de várias feministas

brasileiras, como a própria Branca Moreira Alves, autora de vários estudos fundamentais para o feminismo no Brasil,⁵ que, de volta ao País, fundou os primeiros grupos do neofeminismo no Rio de Janeiro; outras companheiras de Berkeley fizeram o mesmo em São Paulo (Goldberg, 1987).

“Outras brasileiras estiveram nos Estados Unidos no início dos anos 70, e, mesmo sem ter participado diretamente do movimento de libertação ou formado grupos, ‘descobriram’ o feminismo, aderindo intelectualmente a uma ou outra tendência do mesmo, e criaram formas de divulgação dele no Brasil. Isso se deu através de envio de cartas e artigos aos jornais da imprensa alternativa, da difusão de documentos e publicações importantes e, no caso de algumas intelectuais que estavam desenvolvendo carreira acadêmica, na promoção do tema ‘mulher’ como objeto de estudo” (Goldberg, 1987).

A composição do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris era híbrida, porém duas orientações se destacavam: as mulheres que defendiam a dupla militância (gênero e classe) e as que estavam fortemente influenciadas pelo movimento de libertação das mulheres, dando ênfase às questões da sexualidade e do corpo. O Círculo foi formado basicamente por um grupo de mulheres que enfrentavam o segundo exílio na Paris, França, vindas do Chile. Elas não concordavam com as idéias e formas de atuação do Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior, que atuava no Chile, sob a influência do PC. O Círculo, juntamente com o Grupo Latino-Americano de Mulheres e o grupo de Berkeley, é fortemente responsável pela troca de abordagem do feminismo brasileiro da questão de classe para a questão de gênero. O Círculo publicou o documento “Por uma Tendência Feminina Revolucionária” e realizava reuniões periódicas para análises de textos, filmes, artigos e editoriais publicados nos jornais feministas *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*, editados no Brasil.

O intercâmbio de idéias entre imprensa feminista do Brasil, imprensa alternativa brasileira e imprensa feminista/movimento feminista de exílio era constante. Foi por meio desse expediente que as primeiras bandeiras e conceitos de gênero chegaram ao Brasil, promovendo a reflexão das feministas brasileiras para o abandono das prioridades de classes rumo as prioridades de gênero. (Ver Goldberg, 1987 e Cardoso, 2004).

Segundo Goldberg, as idéias do feminismo do exílio chegaram ao Brasil principalmente por meio do semanário *Opinião* (1972-1975). Destaca-se a publicação no *Opinião* 12, em janeiro de 1973, da carta de Norma Bahia Pontes e Rita Moreira, ambas residentes em Nova York, que durante férias no Brasil levam até a redação do *Opinião* carta analisando *cartoon* de Millôr

⁵ Ver Alves, 1980 e 1985.

Fernandes publicado na *Veja*. O texto criticava o patriarcado, conceito ainda pouco conhecido pelas feministas no Brasil. A carta ainda rendeu participação de Branca Moreira Alves, na edição 17 do *Opinião*, retomando a polêmica do *cartoon* e relatando sua trajetória pessoal. O *Opinião* 19 volta ao feminismo com publicação de artigo de autoria do economista Paul Singer, “Caminhos Brasileiros para o Movimento Feminista”. Já em 1974, a *Crítica* número 10, publica a matéria “Ninguém segura mais a mulher”, em que a jornalista Gilda Grillo se declara estar disposta a lançar o movimento feminista no Brasil. E o *Opinião* número 104, algumas semanas depois da matéria da *Crítica*, publicava reportagem sobre o Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas. “A tônica [do artigo] sugeria, além das analogias com o movimento político brasileiro, os caminhos mais adequados para o movimento de mulheres no Brasil: a luta emancipatória pela igualdade de direitos e a participação na vida política” (Goldberg, 1987).

A imprensa alternativa, portanto, era um grande divulgador do feminismo internacional no Brasil, abrindo espaço para as feministas exiladas iniciarem a difusão de suas idéias, enquanto a anistia e a abertura democrática não ocorriam.

Nosotras

A história do *Nosotras* é um caso paradigmático da importância da imprensa feminista e da participação das exiladas na sedimentação do movimento feminista brasileiro. O *Nosotras* foi inaugurado depois do contato inicial de Danda Prado com as feministas francesas e se tornou a principal atividade do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris. O Grupo foi fundado por volta de 1971 e chegou a reunir cerca de 200 mulheres. Muitas delas, pela primeira vez, tiveram a oportunidade de refletir sobre a condição de mulher, defender uma argumentação em público, ter contato com os principais textos feministas da época e criar uma rede de auto-ajuda no exílio.

“Tive que sair do Brasil porque estava com problemas com uma série de pessoas. Eu tinha uma certa ligação com o MR-8⁶ e não queria que qualquer atividade minha recaísse sobre minha família. Então, planejei minha saída, que não foi rápida. Isto aconteceu em 1969. Mas, já

⁶ Movimento Revolucionário 8 de outubro.

em março de 1970, meu pai me chamou para o julgamento dele⁷. Ele fazia questão que eu estivesse presente. Houve, também, a prisão e morte do Rubens Paiva, ou o desaparecimento dele, como se diz. Eu era muito amiga da mulher do Rubens e dele e isso apressou minha volta para a França. Era um clima invivível. As coisas mais inesperadas aconteciam, os militares não precisavam de razão nenhuma para entrar em ação, eles prendiam porque talvez a pessoa tivesse alguma informação. Então, resolvi voltar para Paris.” DP/13/11/2003

De volta à França, Danda Prado faz seus primeiros contatos com o movimento e a literatura feminista.

“Eu fiquei muito espantada quando cheguei em Paris, porque eu, até então, só tinha participado de grupos políticos, nunca tinha atuado em grupos de mulheres. No Brasil, não existiam grupos de mulheres. E quando eu cheguei na França, em 1970, em todo canto eu via uns cartazes estranhos, às vezes escritos à mão, dizendo REUNIÃO DAS MULHERES. Como não consegui descobrir o endereço dos encontros, acabei pedindo informações para Simone de Beauvoir (que conheci durante visita dela ao Brasil). Ela me disse que achava a minha visão de mundo muito esquerdizante e radical e que eu não ia me entender bem com as francesas. Então ela sugeriu arranjar uma moça que já tinha estado em Cuba, e que provavelmente teria um contato que se adequaria melhor às minhas idéias. E realmente, nessa época, era difícil para mim não aceitar que o inimigo principal não fosse o capital, mas sim o homem. Quer dizer, o sexo masculino tinha ocupado, dentro da sociedade, uma limitação à vida da mulher. Isso eu aprendi lá. Eu via o pessoal discutindo e até achava que poderia convencê-lo do contrário, porque eu estava convicta de uma outra visão. Então, Beauvoir me pôs em contato com uma moça, que me contou que estava tendo a primeira grande reunião nacional, com duração de vários dias, com gente da França inteira, discutindo sobre as mulheres. Eu fui, acompanhei o evento e tomei o contato com o grupo das mulheres casadas. E através delas comecei a conhecer as feministas francesas.” DP/13/11/2003

⁷ Danda Prado é filha do historiador Caio Prado Júnior, que em março de 1970 foi condenado a quatro anos de prisão por motivos políticos.

Depois do contato inicial com as feministas francesas, Danda Prado sentiu a necessidade de iniciar um grupo com mulheres brasileiras. A principal atividade do grupo era, justamente, a publicação do periódico feminista *Nosotras*. A primeira edição da revista (era assim que a publicação era definida internamente) saiu em janeiro de 1974, mas desde 1972 o grupo editava pequenos boletins e folhetos ocasionais, com tradução de textos sobre feminismo, chamadas para reuniões e colocações teóricas para balizar o debate e aprofundar a consciência de gênero de suas integrantes. DP 13/11/2003

“No início a grande maioria das participantes era de brasileiras, havia duas venezuelanas e elas participavam das reuniões, porque eram minhas colegas de doutorado. Todas nós estávamos fazendo teses sobre mulher, estávamos no início das pesquisas e resolvemos fazer uma reunião. As hispânicas não tinham uma esquerda tão organizada na Europa, nem eram participantes da esquerda nos países delas, eram pessoas democráticas, mas sem essa ligação partidária com a esquerda, ao passo que eu tinha vínculos com todas as pessoas de esquerda do Brasil que estavam na França. Então o que eu fiz foi procurar todas as mulheres brasileiras em Paris. Fui fazendo levantamento, perguntando, procurando, falei o que a gente estava fazendo e perguntei se elas queriam participar. E elas foram. Toda a procura das francesas e o encontro com as idéias feministas aconteceram na primeira fase da viagem, no ano de 1969. Na volta, em 1971, fiquei muito impressionada com o nível de análise delas e eu não conseguia conversar isso com as brasileiras, que era o meu mundo. Eu queria que nós nos reuníssemos para poder colocar isso (as coisas que eu aprendia) e ouvir o que elas pensavam, para então discutirmos

As reuniões eram fáceis, porque trabalhávamos com grupos de consciência, com a visão de que política não é só o que você discute, mas também a vida pessoal. Então começamos a conversa, desde a origem, começamos com a seguinte pergunta: qual foi o momento da sua vida que você percebeu que existiam homens e mulheres? E aí cada uma contou. Essas reuniões aconteciam com mais ou menos 15 mulheres; às vezes marcávamos com antecedência e ia todo mundo, mas elas eram muito ocupadas, trabalhavam até como domésticas, tinham filhos. Chegou a até 200 mulheres envolvidas, mas todas juntas era raro.

Os homens cobijavam as reuniões porque sabiam dos relatos e das confidências sexuais que ocorriam e eram fascinados pela presença da Norma Benguell. Uns iam olhar por curiosidade, outros por possessividade. Teve um que se deitou na porta de casa e disse para sua

mulher que ela só iria ao encontro do Nosotras por cima de seu cadáver, e se ela fosse que não voltasse mais.

Levávamos traduções e até fazíamos traduções orais, pois havia toda uma literatura na França que discutia gênero, e levávamos isso para ampliar o debate. Foi o que fizemos com o artigo “Inimigo principal”, que dizia que o inimigo não era o capitalismo, mas sim o patriarcado; nós o traduzimos para as integrantes do grupo.” DP/13/11/2003

Além de Danda Prado, o *Nosotras* também contou com intensa colaboração de Nathalie Stern, Clélia Piza, Lúcia Tosi, Cristina Martinez, Marcela Olavarrieta, Marisa Figueiredo e Mareya Gutierrez.

O *Nosotras* tinha uma edição quase artesanal: as matérias e artigos eram escritos pelas participantes, depois os textos eram datilografados (às vezes escritos à mão), mimeografados, grampeados entre capa em papel vergê, ilustrados com gravuras de autoria das integrantes do grupo e seguiam para o Brasil, pelo correio, onde uma prima de Danda Prado fazia a distribuição para as assinantes. A publicação, em fases de forte participação das hispânicas, trazia textos em espanhol. Mas o conteúdo não era necessariamente traduzido para o português.

As reuniões de pauta aconteciam durante os encontros do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, que eram quinzenais. O objetivo era publicar uma revista por mês; então, no primeiro encontro, se definiam as pautas e as respectivas redatoras e, no segundo encontro, começava o fechamento. A periodicidade foi seguida até a edição número 20, de agosto de 1975; depois disso o *Nosotras* se tornou bimestral e, no início de 1976 até sua extinção, não houve um padrão de periodicidade. A tiragem variou entre 100 e 200 exemplares, que depois poderiam ser reproduzidos pelos grupos ou pelas assinantes individuais.

Os temas presentes eram variados e globalizados, pois o grupo mantinha contato com mulheres (políticas, militantes, estudantes, intelectuais) de vários países e elas escreviam sobre a situação das mulheres em seu país de origem. No número 3, há artigo sobre a mulher e a escola venezuelana. No número 4, há artigo discorrendo sobre a situação da mulher cubana e outro sobre a família albanesa, além de uma coluna de notas (“Informações”) com pequenas notícias sobre a situação da mulher em Portugal, Etiópia e Venezuela. No número 21-22, de setembro e outubro de 1975, essa tendência se radicaliza: quase metade da publicação, de 24 páginas, é dedicada para informar sobre a situação da mulher (com relação a trabalho, saúde, cenário político, relacionamento homem/mulher dentro da família) em países como Suécia, Peru, Porto Rico,

Brasil, França, Estados Unidos, Bolívia, Irã, Caribe, Bélgica e Islândia. A publicação também dedica considerável espaço para os temas culturais, principalmente cinema, literatura e debates acadêmicos/teóricos. O número 4, com 12 páginas, dedica três páginas a temas culturais. Todas as fases da produção do periódico, da pauta a impressão, eram feitas em Paris, França.

“Eu e a Lúcia Tosi rodávamos o Nosotras em mimeógrafo. Tinha até partes escritas à mão, por falta de verba; o dinheiro investido vinha do bolso das participantes e das assinantes. A distribuição era feita por uma prima minha. Nos mandávamos para ela, e depois ela enviava para as assinantes no Brasil, via correio. A gente tinha medo da ditadura, por isso eu mandava pilhas de correspondência para ela como trabalho de teses ou coisa assim. O medo dos militares era tão grande que até hoje tem muita gente que eu pergunto sobre o Nosotras e elas não lembram de nada.⁸ A diretora da publicação era a francesa Nathalie Stern, porque se tivéssemos problemas no Brasil ela não poderia ser presa, ela nem entendia português. Minha prima morava em Campinas [SP], numa fazenda. Ela embrulhava cada jornal em um envelope e mandava; essa é grande vitória dela. A lista de assinantes nós fornecíamos.

Na fase em que foi bilíngüe, também enviamos alguns exemplares para a América espanhola. A equipe de redação era pequena, mas todo mundo contribuía, mas quem mais se ocupou foi a Marisa Figueiredo, e ela realmente era muito ativa, inclusive tinha sido jornalista no Brasil.

As capas em papel diferente faziam a publicação parecer uma revista mais sólida; a idéia era fazer a capa separada das páginas anteriores, até por causa das ilustrações. Era tudo grampeado. Artigos longos e academizados.” DP/13/11/2003

Temas como prostituição e aborto eram tratados no *Nosotras* de forma aberta e sem restrições ou dúvidas conservadoras. Na edição número 4, abril de 1974, há nota sobre o método Karman (aborto por aspiração). E, após explicação sobre a técnica, o texto completa:

“Cuando la sociedad respecte el derecho de la mujer a disponer de su propio cuerpo y a decidir sobre él, dándole los medios requeridos para ellos, los riesgos de muerte, de mutilación, de esterilidad y las angustias, no tendrían ya razón de ser y pasarán a pertenecer a la historia como

⁸ Durante a pesquisa, entrei em contato com uma das principais redatoras do *Nosotras*, e ela afirmou não conhecer a publicação.

una época de barbarie. Liberada de remordimientos y miedos, la mujer estará disponible para otras luchas. Luchará y sin duda ganará como dijera Simone de Beauvoir.”

Na edição 21-22, setembro-outubro de 1975, a francesa Nathalie Stern, assina artigo sobre o Primeiro Encontro Nacional das Prostitutas Francesas, que ocorreu, segundo o artigo, em 18 de novembro de 1975 (o que indica que a revista saiu com atraso de um ou dois meses com relação à data de capa). A autora faz um texto pró-prostitutas e festeja o encontro:

“Que as prostitutas, consideradas até hoje, idealmente, como ‘mulheres sem existência própria’, simples objeto e fonte de dinheiro para quêles [sic] que as consomem, possam falar, rir, pensar, viver em voz alta e, mais ainda, reivindicar, manifestar e exigir, isto é [...] formidável. Para nós todas.”

Nessa mesma edição, há artigo com cinco páginas, e continuação na edição seguinte, assinado por Françoise Collin, com o título “Nuevo feminismo, nueva sociedad o el advenimiento de otra”. O texto é exemplo de como a revista funcionava como divulgadora das idéias feministas de vanguarda e como suporte teórico para as reuniões futuras, nas quais os artigos seriam comentados, como informou Danda Prado.

Na apresentação da edição, espécie de editorial, há uma introdução ao artigo:

“En el correr de este siglo el movimiento ha venido adquiriendo consistencia, profundidad y diversificación. Ya no se trata unicamente de obtener para las mujeres los mismos derechos y posibilidades que los hombres poseen. Lo que ahora se reivindica es una nueva estructuración de la sociedad que permita la afirmación de la especificidad femenina y la realización de una verdadera comunidad ‘humana’. El artículo de Françoise Collin sobre el ‘nuevo feminismo’ que ocupa la parte central de este número de ‘Nosotras’, muestra algunos aspectos de las tendencias del feminismo actual, particularmente en lo que respecta a la búsqueda de una especificidad cuyas potencialidades aun no fueron realizadas.”

É interessante comparar essa abordagem de um “novo feminismo” — quer dizer, a luta pela diferença e não pela igualdade entre os gêneros — e a postura dos jornais feministas brasileiros feitos no Brasil. Na mesma época, o *Brasil Mulher* declarava o seguinte, em seu número zero, lançado em outubro de 1975:

“‘Brasil Mulher’ não é um jornal da mulher. Seu objetivo é ser sim mais uma voz na busca e na tomada da igualdade perdida. Trabalho que se destina a homens e mulheres”.

Esse trecho dos dois jornais dá uma mostra de como a leitura do *Nosotras* no Brasil proporcionava às feministas brasileiras acesso às idéias de vanguarda do movimento feminista e, nesse sentido, evidencia a importância das exiladas nas alterações do pensamento feminista brasileiro.

“Recebia o Brasil Mulher, e achava atrasado. Dizíamos textualmente que elas estavam todas sob domínio masculino e só pensam em questões políticas. Mas a gente compreendia, porque era uma questão de vida ou morte, tinha gente se arriscando e tudo.” DP/13/11/2003

Em 1976, o *Nosotras* passou a circular com periodicidade espaçada e, até o final desse ano, sua edição é cancelada. Danda Prado credita a extinção do periódico aos seguintes fatos: 1) ao Ano Internacional da Mulher, 1975, que acrescentou inúmeras viagens para participações em eventos fora de Paris e restringiu sua agenda; 2) à pesquisa que ela e Marisa Figueiredo realizaram na Colômbia, durante o ano de 1976; e, principalmente, 3) à proibição do Front à participação de seus associados no *Nosotras* e 4) a migração das hispânicas para grupo feminista de origem boliviana.

“O Front declarou que o grupo Nosotras não podia continuar, pois estava pondo as mulheres contra os homens nos casamentos e nas ligações e que isso desajustava a vida dos companheiros. A proibição do Front foi oficial e aconteceu por volta de 75. A proibição era justificada porque, segundo eles, tinha caso de gente entrando em depressão pessoal querendo se separar. As mulheres pararam de ir, vieram até mim contar que dependiam do Front para tudo e não podiam correr o risco de ficar sem apoio.

O Grupo Front Brasileiro, formado por homens e mulheres brasileiros, não era representante do Partido Comunista, mais era apoiado pelo Partido Comunista Francês. Ele ajudava quem estivesse nas organizações. Então era uma forma deles se manterem a par do que estava acontecendo no Brasil politicamente e também uma forma de atuar junto ao governo para obter entrada de crianças na escola, encontrar apartamento e trabalho, tudo era o Front que conseguia. Então tinha gente que nunca tinha sido de esquerda, mas que tinha participado contra a ditadura e era apoiado. E os grupos todos tinham representantes no Front: VPR, MR-8, PC do

B⁹ e pessoas independentes. Eu participava do Front na questão cultural, porque eu era ligada ao MR-8, então eu trabalhava pelo MR-8 para atividades culturais do Front. Por exemplo, a peça que a Norma [Benguell] representou lá, montado pela Gilda Grilo, foi apoiada pelo Front. O Front era uma espécie de selo para os brasileiros exilados e vinculados a uma oposição à ditadura. O Front era uma espécie de garantia e, para as pessoas dos grupos, era uma garantia de atendimento médico, de documentação, de tudo. Essa era a função do Front. E eles proibiram a participação das mulheres no Nosotras e no Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris: quem participasse do Nosotras estaria fora da rede de ajuda do Front, não teria mais ajuda.

Depois da proibição do Front, o Nosotras continuou, mas com grande número de hispânicas. Depois sofremos outra divisão, porque o grupo de venezuelanas era grande (umas 10 mulheres) — e elas foram participar de um outro grupo de origem boliviana, fundado pela Elizabeth Burgos, com tendência claramente partidária.” DP/13/11/2003

Considerações

O episódio da proibição do Front à participação no Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris ilustra bem a disputa das esquerdas pela dedicação política das mulheres e seu empenho em esvaziar o feminismo. Esse tipo de situação também foi determinante para o fechamento do *Brasil Mulher*, de outras publicações e de grupos feministas. (Cardoso, 2004).

Os horrores do regime de exceção fizeram com que as feministas brasileiras adiassem e/ou não priorizassem a agenda do movimento de mulheres, para se aproximar das alas de esquerda, e atuar na luta, importante e inadiável, por uma sociedade melhor para todos (homens e mulheres) dentro da perspectiva, teórica e prática, da luta de classe. Essa sociedade mais justa, seria possível com o fim da ditadura e a implantação de uma sociedade socialista. Supunha-se, que com uma revolução comunista-socialista a agenda de reivindicação feminista seria automaticamente cumprida; ao passo que o enfoque na agenda feminista significaria investir numa luta menor, desperdiçando importantes quadros políticos e intelectuais: as mulheres. Segundo as lideranças dos partidos de esquerda da época. (Goldberg, 1987; Teles, 1993, e Nehring, 1981).

Neste contexto as brasileiras feministas no exílio tiveram papel importante para o crescimento do movimento feminista no Brasil: pautando o debate, traduzindo textos, lecionando,

⁹ Respectivamente, Vanguarda Popular Revolucionária, Movimento Revolucionário 8 de outubro e Partido Comunista do Brasil.

fazendo palestras, entre outras atividades de cunho político e intelectual durante suas visitas ao Brasil ou após a volta ao país, pós-anistia.

A importância do *Nosotras* se faz presente por sua, digamos, redação estar instalada no centro do mundo da época, Paris, França. De lá as mulheres puderam vivenciar, como mulheres, intelectuais e políticas, a produção de ponta dos círculos intelectuais e políticos. Sendo assim, por meio do *Nosotras* as brasileiras recebiam informações a cerca de textos teóricos do feminismo, do movimento feminista e da condição da mulher no mundo, das técnicas e idéias de ação para a constituição de grupos feministas, inclusive dos grupos acadêmicos, tão importantes nas universidades brasileiras (Heilborn e Sorj, 1999).

Bibliografia

ALAMBERT, Zuleika. **Os marxistas e a elaboração teórica sobre a mulher**. In Encontro com a Civilização Brasileira, v. 26. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira. 1980

ALVES, Branca Moreira e PINTANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo (SP): Abril Cultural, Coleção Primeiros Passos, Brasiliense. 1985

ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil**. Petrópolis (RJ): Vozes. 1980.

CARDOSO, Elizabeth da P. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. São Paulo (SP): Dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 2004

COSTA, Albertina de Oliveira; MORAES, Maria Teresa Porciúncula; MARZOLA, Norma e LIMA, Valentina da Rocha. **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra. 1980.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, militância e memória** — história de vida, história de sobrevivência. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas. 1996.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo (SP): Companhia das Letras. 2002.

GASPARI, Elio **A ditadura escancarada**. São Paulo (SP): Companhia das Letras. 2002.

GASPARI, Elio **A ditadura derrotada**. São Paulo (SP): Companhia das Letras. 2003.

GOLDBERG, Anette. **Gênero, mulher e identidade de esquerda: o feminismo das brasileiras no exílio**. In Mulheres: da domesticidade à cidadania — estudos sobre movimentos sociais e democratização. São Paulo (SP): Arquivo Fundação Carlos Chagas. 1987.

GOLDBERG, Anette. **Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante**. Rio de Janeiro (RJ): Tese de mestrado defendida na UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. 1987.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. **Estudos de gênero no Brasil** in MICELI, Sérgio (org.). São Paulo(SP). O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995). São Paulo (SP): Editora Sumaré, ANPOCS, Brasília, DF, CAPES. 1999.

NEHRING, Maria Lygia Quartim de Moraes. **Família e feminismo**: reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres. São Paulo (SP): tese de doutoramento em Ciência Política, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1981.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo (SP): Brasiliense. 1993.